

Maneio da dor em animais de companhia

Estudo de casos clínicos em contexto hospitalar

Jessica Regueira^{1*}, Laura Hernández- Hurtado^{1, 2}, Adérito Ortelá³, Tânia Dias Lagoa^{1,*}, Carolina Silva^{1, 2}

¹ Escola Superior de Biociências, Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal.

² VALORIZA – Centro de Investigação para a Valorização de Recursos Endógenos, Portalegre, Portugal

³AniCura Alma Veterinária Hospital Veterinário, Cacém, Portugal

*Email: tanialagoa@ipportalegre.pt

Summary

Appropriate pain management in companion animals is a fundamental pillar of veterinary medicine, with a direct impact on animal welfare and clinical recovery. This study aimed to evaluate pain management in a hospital setting through a retrospective analysis of clinical cases. A descriptive observational study was conducted based on the clinical records of companion animals treated at a veterinary hospital during April 2024. Three clinical cases (two involving acute pain and one involving chronic pain) were analysed, considering variables such as pain type, assessment methods, analgesic protocols, and clinical outcome. The results suggest the consistent use of multimodal analgesia, combining different pharmacological classes, including opioids, non-steroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs), and other adjuvant agents. Continuous monitoring and the individualised adjustment of analgesic protocols were also found to play an important role. The analysis of the clinical cases demonstrated differences between acute and chronic pain, both in their clinical presentation and therapeutic response. It can be concluded that effective pain management requires an integrated approach based on systematic patient assessment and the implementation of individualised therapeutic strategies. Veterinary nursing plays a key role in the early recognition, monitoring, and optimisation of pain management in the hospital environment.

Keywords: animal welfare, companion animals; multimodal analgesia; pain management; veterinary nursing;

Resumo

O manejo adequado da dor em animais de companhia constitui um pilar fundamental da medicina veterinária, com impacto direto no bem-estar animal e na recuperação clínica. O presente estudo teve como objetivo avaliar o manejo da dor em contexto hospitalar, através de uma análise retrospectiva de casos clínicos. Foi realizado um estudo observacional descritivo com base nos registos clínicos de animais de companhia acompanhados num hospital veterinário durante o mês de abril de 2024. Foram analisados três casos clínicos (dois de dor aguda e um de dor crónica), considerando variáveis como tipo de dor, métodos de avaliação, protocolos analgésicos e evolução clínica. Os resultados sugerem a utilização consistente de analgesia multimodal, com recurso a diferentes classes farmacológicas, nomeadamente opióides, anti-inflamatórios não esteroides (AINE's) e outros agentes adjuvantes. Verificou-se ainda a importância da monitorização contínua e da adaptação individualizada dos protocolos analgésicos. A análise dos casos clínicos demonstrou diferenças entre dor aguda e crónica, tanto na apresentação clínica como na resposta terapêutica. Conclui-se que o manejo eficaz da dor requer uma abordagem integrada, baseada na avaliação sistemática do paciente e na aplicação de estratégias terapêuticas individualizadas. O papel da enfermagem veterinária revela-se essencial na identificação precoce, monitorização e otimização do controlo da dor em ambiente hospitalar.

Palavras-chave: manejo da dor; analgesia multimodal; animais de companhia; enfermagem veterinária; bem-estar animal

Introdução

O reconhecimento e o manejo da dor em animais de companhia têm assumido um papel central na prática clínica veterinária, sendo atualmente considerados componentes

essenciais do bem-estar animal e da qualidade dos cuidados prestados. A dor não tratada ou inadequadamente controlada pode desencadear alterações fisiológicas e comportamentais significativas, comprometendo não só a recuperação clínica, mas também a qualidade de vida dos pacientes (Alamrew, E. & Fesseha, H., 2020; Downing, R. &

Della Rocca, G., 2023; Cital, S., 2022; WSAVA, 2022).

A dor pode ser classificada em aguda ou crónica, consoante a sua duração e mecanismos fisiopatológicos subjacentes. A dor aguda está geralmente associada a lesões teciduais recentes, como trauma ou procedimentos cirúrgicos, desempenhando uma função protetora. Por outro lado, a dor crónica persiste para além do período esperado de cicatrização, podendo envolver fenómenos de sensibilização periférica e central, tornando-se mais complexa de diagnosticar e tratar (Alamrew, E. & Fesseha, H., 2020; WSAVA 2022; Cital, S. 2022). A avaliação da dor em medicina veterinária apresenta desafios particulares, uma vez que os animais não conseguem comunicar verbalmente a sua experiência dolorosa. Assim, a identificação da dor baseia-se na observação de alterações comportamentais, fisiológicas e posturais, bem como na utilização de escalas de avaliação validadas. Entre as mais utilizadas destacam-se a Glasgow Composite Measure Pain Scale, a Colorado State University Pain Scale e a escala visual analógica (VAS), que permitem padronizar a avaliação e monitorização da dor, contribuindo para uma abordagem mais objetiva e consistente (WSAVA,2022).

Neste contexto, o papel da enfermagem veterinária é fundamental, não só na administração terapêutica, mas também na deteção precoce de sinais de dor, monitorização contínua dos pacientes e adaptação dos cuidados em ambiente hospitalar. A proximidade com o animal permite uma avaliação mais frequente e detalhada, contribuindo significativamente para a otimização do controlo da dor. Apesar dos avanços na área, diversos estudos demonstram que a dor continua a ser subdiagnosticada e subtratada em medicina veterinária, especialmente em contextos hospitalares com elevada carga de trabalho. Assim, torna-se pertinente analisar práticas clínicas reais, de forma a identificar padrões, limitações e oportunidades de melhoria.

Deste modo, o presente estudo teve como objetivo avaliar o manejo da dor em animais de companhia em contexto hospitalar, através de uma análise retrospectiva de casos clínicos, complementada pela descrição de uma série de casos representativos, permitindo uma abordagem integrada entre dados quantitativos e prática clínica.

Materiais e Métodos

Foi realizado um estudo observacional de casos clínicos, com o objetivo de avaliar o manejo da dor em animais de companhia em contexto hospitalar. O estudo foi conduzido no AniCura Alma Veterinária, durante o mês de abril de 2024.

Foram selecionados três casos clínicos em cães, com base na sua relevância clínica e diversidade de apresentação:

- Dois casos de dor aguda
- Um caso de dor crónica

Os critérios de inclusão foram:

- Presença de sinais clínicos compatíveis com dor
- Avaliação clínica documentada
- Instituição de terapêutica analgésica
- Informação clínica completa

A recolha de dados foi realizada através da análise detalhada dos registos clínicos dos pacientes selecionados. Foram consideradas as seguintes variáveis:

- Espécie, raça, idade, peso e sexo
- História clínica pregressa
- Motivo de consulta
- Achados do exame físico
- Tipo de dor (aguda ou crónica)
- Exames complementares realizados
- Protocolos terapêuticos instituídos
- Evolução clínica

A avaliação da dor foi baseada na observação de sinais clínicos, alterações comportamentais e achados do exame físico, incluindo parâmetros como postura, resposta à manipulação, vocalização e alterações neurológicas.

Sempre que possível, a avaliação foi complementada com recurso a escalas de dor validadas, nomeadamente a *Glasgow Composite Measure Pain Scale*, permitindo uma classificação mais objetiva da intensidade da dor e facilitando a monitorização da evolução clínica dos pacientes. Os casos foram classificados em:

- Dor aguda, associada a condições de início súbito, como trauma ou situações cirúrgicas
- Dor crónica, associada a patologias degenerativas e persistentes

Os dados foram analisados de forma descritiva, permitindo a caracterização dos casos clínicos e das abordagens terapêuticas utilizadas. A comparação entre dor aguda e crónica foi realizada com base na apresentação clínica, estratégias terapêuticas e evolução dos pacientes.

Resultados

Caracterização dos casos clínicos

Foram analisados três casos clínicos de cães, todos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 4 e os 17 anos e pesos entre 2,5 kg e 57 kg (Tabela 1).

Tabela 1. Casos clínicos avaliados

Caso	Idade (anos)	Peso (Kg)	Tipo de dor
1.Suki	8	2,5	Aguda
2.Singha	4	57	Aguda
3.Nicky	17	15,5	Crónica

Apresentação clínica

Os casos de dor aguda apresentaram início súbito e sinais clínicos marcados, incluindo dor intensa, alterações neurológicas e sinais sistémicos graves. No caso do paciente 1, observaram-se alterações neurológicas associadas a dor significativa, enquanto no caso do paciente 2 se verificaram sinais compatíveis com uma emergência cirúrgica. De acordo com a aplicação das escalas de avaliação da dor, ambos os pacientes apresentaram pontuações compatíveis com dor de intensidade elevada. Por outro lado, o caso de dor crónica (paciente 3) apresentou uma evolução progressiva e persistente, caracterizada por claudicação, fraqueza muscular e alterações estruturais associadas a patologias degenerativas, tendo sido classificado, com base nas escalas de dor, como apresentando dor de intensidade moderada e carácter crónico. Com base na avaliação clínica e na aplicação de escalas de dor, os pacientes 1 e 2 apresentaram dor de intensidade elevada, enquanto o paciente 3 apresentava dor de carácter moderado e crónico.

Abordagem diagnóstica

Nos casos de dor aguda, foram realizados exames complementares de diagnóstico de forma imediata, incluindo radiografias, análises laboratoriais e avaliação neurológica. No caso do paciente 2, o diagnóstico de torção gástrica foi confirmado por radiografia abdominal, o que motivou intervenção cirúrgica urgente. No caso de dor crónica, o diagnóstico baseou-se em exames previamente realizados, nomeadamente radiografia da coluna vertebral, evidenciando alterações degenerativas severas.



Figura 1. Radiografia latero-lateral abdominal direita evidenciando torção gástrica; Paciente: Singha.



Figura 2. Radiografia latero-lateral da coluna evidenciando fusão das vértebras; Paciente: Nicky.

Estratégias terapêuticas

Observou-se a utilização de analgesia multimodal em 100% dos casos analisados (Tabela 2). Nos casos de dor aguda, os protocolos terapêuticos caracterizaram-se por:

- Utilização de opióides (2/2 casos)
- Administração de AINEs (2/2 casos)
- Recurso a fármacos adjuvantes, como lidocaína em perfusão contínua

Estes protocolos apresentaram carácter mais intensivo, com o objetivo de promover um controlo rápido e eficaz da dor.

No caso de dor crónica, verificou-se uma abordagem terapêutica mais complexa e prolongada, incluindo:

- Gabapentina
- AINE's seletivos (grapiprant)
- Anticorpo monoclonal (bedinvetmab)
- Suplementação com canabidiol

Adicionalmente, foram incluídas estratégias não farmacológicas, nomeadamente fisioterapia.

Evolução clínica

Todos os pacientes apresentaram evolução clínica favorável após a instituição do tratamento, embora com diferenças relevantes entre dor aguda e crónica.

Nos casos de dor aguda, observou-se melhoria rápida e resolução significativa dos sinais clínicos, com alta hospitalar em curto período de tempo. No caso do paciente 2, a estabilização clínica ocorreu nas primeiras 48 horas após a intervenção cirúrgica.

No caso de dor crónica, a evolução foi mais lenta e dependente de ajustes terapêuticos, verificando-se a necessidade de monitorização contínua. O controlo da dor foi alcançado, embora sem resolução completa do quadro clínico.

Discussão

Os resultados obtidos sugerem diferenças consistentes entre a dor aguda e a dor crónica em animais de companhia, tanto ao nível da apresentação clínica como das abordagens

diagnósticas, terapêuticas e da evolução clínica, em concordância com o descrito na literatura (Alamrew & Fesseha, 2020; Cital, 2022). A distinção entre estes dois tipos de dor revela-se fundamental para a definição de estratégias de manejo adequadas, uma vez que cada uma apresenta mecanismos fisiopatológicos, implicações clínicas e necessidades terapêuticas distintas.

A dor aguda caracterizou-se por um início súbito, frequentemente associada a quadros clínicos de elevada gravidade, exigindo intervenção imediata e direcionada. Este padrão encontra-se em concordância com as diretrizes da WSAVA (2022), que definem a dor aguda como uma resposta fisiológica a lesão tecidual recente, frequentemente acompanhada por alterações sistémicas e sinais clínicos evidentes. Nos casos clínicos analisados, verificou-se que este tipo de dor estava frequentemente associado a situações críticas, como no caso de torção gástrica, em que a dor se encontra diretamente relacionada com risco iminente de vida. Nestes contextos, a rapidez na intervenção revelou-se um fator crítico associado à estabilização clínica e à melhoria do prognóstico.

A dor pós-operatória, particularmente após cirurgias invasivas como a correção da torção gástrica, apresentou-se como significativa, resultante do trauma tecidual e da manipulação cirúrgica. O seu controlo eficaz exigiu a implementação de protocolos analgésicos intensivos, baseados numa abordagem multimodal (Mathews et al., 2014). Esta estratégia, amplamente recomendada na literatura, permite melhorar o controlo da dor, reduzir a necessidade de opióides em doses elevadas e promover uma recuperação mais segura e eficaz. A associação de fármacos com diferentes mecanismos de ação, nomeadamente opióides e anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), demonstrou ser particularmente eficaz no controlo da nociceção, prevenindo fenómenos de sensibilização periférica e central (Mathews et al., 2014; WSAVA, 2022) e reduzindo o risco de complicações pós-operatórias.

Em contraste, a dor crónica apresentou uma evolução progressiva e persistente, frequentemente com impacto funcional significativo, embora frequentemente com menor intensidade aparente nos momentos de avaliação clínica. Este tipo de dor está frequentemente associado a patologias degenerativas, como a osteoartrite, e envolve mecanismos fisiopatológicos complexos, incluindo sensibilização periférica e central (Wiese, 2015; Monteiro-Steagall et al., 2017; Cital, 2022). O caso clínico analisado reflete esta realidade, evidenciando a necessidade de abordagens terapêuticas prolongadas, ajustáveis e centradas no controlo sustentado da dor e na melhoria da qualidade de vida do paciente.

O manejo da dor crónica revelou-se, assim, mais complexo, exigindo uma abordagem integrada que combina terapêuticas farmacológicas e não farmacológicas. No presente estudo, foram utilizados fármacos moduladores da dor neuropática, como a gabapentina, AINEs seletivos e terapias inovadoras, nomeadamente anticorpos monoclonais como o bedinvetmab. Este último constitui uma abordagem terapêutica recente com

evidência crescente no controlo da dor associada à osteoartrite. Adicionalmente, a integração de terapias adjuvantes, como a fisioterapia e a reabilitação funcional, reforça a importância de uma abordagem multidimensional no tratamento da dor crónica (Millis & Levine, 2014).

Métodos não farmacológicos, como termoterapia, crioterapia, laserterapia, eletroterapia, terapias manuais, cinesioterapia e a utilização de extratos medicinais, são amplamente descritos na literatura como estratégias adjuvantes no manejo da dor, contribuindo para a melhoria da mobilidade e da qualidade de vida dos pacientes quando aplicados de forma adequada (Alamrew & Fesseha, 2020; Corti, 2014). A sua integração nos protocolos terapêuticos evidencia a crescente valorização de abordagens multimodais e individualizadas.

Relativamente à abordagem diagnóstica, verificou-se que os casos de dor aguda exigiram a realização de exames complementares de diagnóstico de forma imediata, com o objetivo de identificar rapidamente a causa subjacente e orientar a intervenção terapêutica. Por outro lado, nos casos de dor crónica, o diagnóstico baseou-se frequentemente em avaliações prévias e na evolução clínica do paciente. Este achado reforça a importância da rapidez na identificação etiológica em situações agudas, conforme descrito nas diretrizes da WSAVA (2022), sendo determinante para a eficácia do tratamento.

A utilização de analgesia multimodal em todos os casos analisados encontra-se em concordância com as recomendações atuais, que defendem a combinação de fármacos com diferentes mecanismos de ação como estratégia de eleição no manejo da dor (Cital, 2022; Mathews et al., 2014; WSAVA, 2022). Esta abordagem permite potenciar o efeito analgésico, reduzir as doses individuais administradas e minimizar os efeitos adversos, contribuindo para uma terapêutica mais segura e eficaz.

No que diz respeito à evolução clínica, observou-se uma recuperação mais rápida nos casos de dor aguda, em contraste com a necessidade de monitorização contínua e ajustes terapêuticos nos casos de dor crónica. Estes resultados estão em concordância com a literatura, que indica que a dor aguda tende a resolver-se com o tratamento da causa subjacente, enquanto a dor crónica requer estratégias de controlo a longo prazo, centradas na manutenção da função e na melhoria da qualidade de vida (Cital, 2022).

A utilização de grelhas de avaliação de dor em medicina veterinária tem vindo a assumir uma importância crescente, uma vez que permite reduzir a subjetividade associada à interpretação dos sinais clínicos. Escalas como *Glasgow Composite Measure Pain Scale* e a *Colorado State University Pain Scale* são amplamente utilizadas e validadas, permitindo uma avaliação mais consistente entre diferentes observadores e ao longo do tempo.

No entanto, apesar das suas vantagens, estas ferramentas apresentam algumas limitações, nomeadamente a dependência da experiência do observador e a variabilidade

comportamental entre animais. Ainda assim, a sua aplicação em contexto clínico revela-se fundamental para orientar a decisão terapêutica, monitorizar a eficácia dos protocolos analgésicos e melhorar o bem-estar animal.

Importa ainda destacar o papel fundamental da enfermagem veterinária no manejo da dor. Os enfermeiros veterinários desempenham uma função central na monitorização contínua dos pacientes, na deteção precoce de sinais clínicos de dor e na adaptação dos cuidados prestados. A sua proximidade ao paciente permite uma avaliação mais frequente e detalhada, contribuindo significativamente para a eficácia do tratamento e para a promoção do bem-estar animal (Scarlett, 2019; Shaffran, 2008; Elder et al., 2017). Além disso, os enfermeiros veterinários constituem um elo de ligação essencial entre o médico veterinário, o tutor e o paciente, sendo responsáveis por grande parte dos cuidados prestados e pela sua qualidade. A capacidade de avaliar a dor, reconhecer alterações no estado clínico e comunicar eficazmente com a equipa clínica é determinante para a otimização dos resultados terapêuticos (Nugent-Deal, 2017).

A adoção de uma abordagem estruturada e multidimensional na avaliação da dor, conforme proposto por Clapham (2014), revela-se igualmente essencial para reduzir a variabilidade entre observadores e garantir uma avaliação mais precisa. A utilização de escalas de dor, em complemento ao exame clínico completo, permite monitorizar a resposta do paciente à terapêutica instituída, nomeadamente através de avaliações realizadas antes e após a administração de analgésicos.

Apesar da relevância dos resultados obtidos, o presente estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente o reduzido número de casos analisados e o seu carácter observacional, o que pode limitar a generalização dos dados. No entanto, a análise detalhada dos casos clínicos permite uma compreensão aprofundada das práticas clínicas adotadas e reforça a importância da implementação de estratégias baseadas na evidência científica no manejo da dor em contexto hospitalar veterinário.

De forma global, este estudo reforça a importância do manejo da dor em animais de companhia como componente essencial na promoção do bem-estar e na recuperação clínica. A análise comparativa entre dor aguda e dor crónica destaca a necessidade de abordagens diferenciadas, adaptadas às características específicas de cada tipo de dor. A intervenção precoce em situações agudas e a gestão contínua e integrada da dor crónica revelam-se determinantes para a otimização dos resultados clínicos, reforçando a importância de uma prática clínica baseada na avaliação sistemática, terapêutica multimodal e colaboração interdisciplinar. Estes resultados reforçam a necessidade de uma abordagem baseada em evidência científica, promovendo a utilização sistemática de ferramentas de avaliação da dor e estratégias terapêuticas individualizadas em medicina veterinária.

Agradecimentos: Este estudo foi desenvolvido no âmbito do Trabalho Final de Licenciatura em Enfermagem Veterinária da Escola Superior de Biociências de Elvas, Instituto Politécnico

de Portalegre. Os autores agradecem a todos os proprietários que permitiram a colheita de amostras para o estudo.

Conflitos de interesses: os autores declaram não ter quaisquer conflitos de interesses relativamente ao estudo ou aos seus resultados.

Bibliografia

- Alamrew, E., & Fesseha, H. (2020). Pain and pain management in veterinary medicine: A review. *Veterinary Medicine Open Journal*, 5(3), 64–73. <https://doi.org/10.17140/VMOJ-5-151>
- Brutlag, A., & Hommerding, H. (2018). Toxicology of marijuana, synthetic cannabinoids, and cannabidiol in dogs and cats. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, 48(6), 1087–1102. <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2018.07.008>
- Cital, S. (2022). The latest on CBD in veterinary medicine: Research, legislative, and dosing updates. *American Animal Hospital Association (AAHA)*.
- Clapham, L. (2014). The veterinary nurse's role in pain management. *Veterinary Nursing Journal*, 29(10), 338–342.
- Corti, L. (2014). Non-pharmaceutical approaches to pain management. *Topics in Companion Animal Medicine*, 29(1), 24–28. <https://doi.org/10.1053/j.tcam.2014.04.001>
- Downing, R., & Della Rocca, G. (2023). Pain in pets: Beyond physiology. *Animals*, 13(3), 355. <https://doi.org/10.3390/ani13030355>
- Elder, C. R., DeBar, L. L., Ritenbaugh, C., Rumpitz, M. H., et al. (2017). Health care systems support to enhance patient-centered care: Lessons from a primary care-based chronic pain management initiative. *The Permanente Journal*, 21, 16–101. <https://doi.org/10.7812/TPP/16-101>
- Mathews, K., Kronen, P. W., Lascelles, D., Nolan, A., Robertson, S., Steagall, P. V., Wright, B., & Yamashita, K. (2014). Guidelines for recognition, assessment and treatment of pain. *Journal of Small Animal Practice*, 55(6), E10–E68. <https://doi.org/10.1111/jsap.12200>
- Millis, D. L., & Levine, D. (2014). *Canine rehabilitation and physical therapy* (2nd ed.). Elsevier.
- Monteiro-Steagall, B. P., Steagall, P. V., & Lascelles, B. D. X. (2017). Systematic review of nonsteroidal anti-inflammatory drug-induced adverse effects in dogs. *Journal of Veterinary Internal Medicine*, 31(4), 1011–1019. <https://doi.org/10.1111/jvim.14711>
- Nugent-Deal, J. (2017). Pain management and becoming a patient advocate. *Today's Veterinary Nurse*. <https://todaysveterinarynurse.com/pain->

management/pain-management-and-becoming-a-patient-advocate/

Scarlett, J. M. (2019). BSAVA guide to pain management in small animal practice. British Small Animal Veterinary Association.

Shaffran, N. (2008). Pain management: The veterinary technician's perspective. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, 38(6), 1415–1428. <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2008.07.002>

Wiese, A. J. (2015). Assessing pain: Pain behaviors. In J. S. Gaynor & W. W. Muir III (Eds.), *Handbook of Veterinary Pain Management* (3rd ed., pp. 79–96). Elsevier.

World Small Animal Veterinary Association (WSAVA). (2022). Guidelines for the recognition, assessment and treatment of pain. *Journal of Small Animal Practice*. <https://doi.org/10.1111/jsap.13566>